

PARVOVIROSE CANINA – REVISÃO DE LITERATURA

ANGELO, Gabriel

CICOTI, Cesar Augusto Ramos

cesarcicoti@hotmail.com

Discente da Faculdade de Medicina Veterinária de Garça, FAMED – SP

VANESSA ZAPPA

Docente da Faculdade de Medicina Veterinária de Garça, FAMED – SP

RESUMO

A parvovirose é uma zoonose que preocupa muito os médicos veterinários e proprietários, pois é uma enfermidade relacionada a vírus, que na maioria das vezes acomete animais jovens, deixando-os com sinal clínico de êmese e diarreia com sangue, diagnóstico diferenciado sugestivo, mas deve sempre ser diferenciado de gastroenterites bacterianas como a salmonelose e de outras gastroenterites virais como a cinomose.

Palavra Chave: zoonose, salmonelose, cinomose.

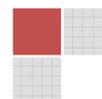
ABSTRACT

The parvovirus is a zoonosis that most worries the veterinarians and owners, because it is an illness linked to viruses, which most often affects young animals, leaving them with clinical signs of emesis and diarrhea with blood, suggesting differential diagnosis, but should always be distinguished from bacterial gastroenteritis such as salmonella and other viral gastroenteritis such as canine distemper.

Key words: zoonosis, salmonellosis, canine distemper.

1-INTRODUÇÃO

A Parvovirose era desconhecida até o verão de 1978 nos Estados Unidos, quando ocorreu de forma epizootica, e dali espalhou-se rapidamente para o resto do mundo, atingindo inclusive o Brasil, onde hoje existe de forma enzoótica. É uma das viroses mais conhecidas e mais contagiosas entre os cães domésticos, sendo também chamada de Enterite Canina Parvoviral. Ataca mais os cães jovens que os adultos, talvez pelo fato destes últimos sejam mais resistentes pela imunidade naturalmente adquirida. Apresenta alta mortalidade, principalmente entre cães jovens e de raças puras ou animais mais fracos ou debilitados por verminoses ou outras moléstias, inclusive carenciais. A doença é causada por um vírus, parvovírus e manifesta-se de duas formas, que são a forma entérica e a forma miocárdica. A forma miocárdica é geralmente diagnosticada no post-mortem, pois a maioria dos animais morre subitamente sem mostrar sinais clínicos. Classificado entre outros que atacam ratos,

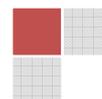


porcos, gado bovino e o homem , além de outros animais, sendo também chamada por Enterite Canina Parvoviral. (CÃES e GATOS, 2000).

Tem sido sugerido que, devido à semelhança antigênica com o vírus da panleucopenia felina, o vírus da parvovirose canina seja um mutante de uma linhagem de campo do vírus felino. No homem, a Parvovirose aparentemente combina com outros adenovirus, causando infecções do trato respiratório superior e dos olhos , nestes últimos causando uma conjuntivite. Devido tal circunstância, a doença é classificada como Zoonose, por ser comum ao homem e ao cão. No homem, no entanto, não tem a gravidade e conseqüências que se apresentam para os cães. No cão, a doença se estabelece principalmente no aparelho digestivo, provocando, de início, elevação térmica que pode atingir altos índices (41° C), exceto em animais adultos mais velhos nos quais ocorre hipotermia. Nessa fase chama a atenção o fato do animal se tornar sonolento e sem apetite, quando ocorrem também vômitos incoercíveis. Alguns animais apresentam também tosse nessa fase, além de inchaço dos olhos ou inflamação da córnea (conjuntivite). Além do estômago, inflama-se também os intestinos , principalmente as porções delgadas e com eles também o fígado e seus anexos, adquirindo então as fezes aspecto esbranquiçada ou cinzenta, o que denota deficiência de bile na luz intestinal, como conseqüência da dificuldade de escoamento da mesma bile, que continua não obstante a ser elaborada no fígado. O coração do animal também se inflama, principalmente quando é o animal jovem, causando morte em geral repentina do animal, devido sua evolução rápida (LARA, 2004).

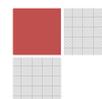
2-CONTEÚDO

A parvovirose é uma doença infecciosa e contagiosa, causada por um vírus de tamanho extremamente pequeno, o parvovírus, observado em diversos animais, cujo vírus é pertencente a família Parvoviridae. A partícula infecciosa é bastante resistente, sendo estável na presença de pH entre 3,0 e 9,0, à inativação a temperatura de 56° C por 60 minutos e tratamentos com solventes orgânicos, podendo sobreviver no meio ambiente durante meses e anos. O parvovírus canino responsável por gastroenterite



aguda parece estar limitado somente aos canídeos. Infecções naturais têm sido descritas em cães domésticos (*Canis familiaris*), cães-do-mato (*Speothos venaticus*), coiotes (*Canis latrans*), lobinhos (*Cerdocyon thous*) e lobos-guarás (*Chrysocyon brachyurus*). O vírus é transmitido pela eliminação fecal e a porta de entrada é a via oral. Porém, a infecção experimental pode ser produzida por várias vias, incluindo oral, nasal ou oronasal e pela inoculação IM, IV ou SC. O vírus pode estar presente em outras secreções e excretas durante a fase aguda da doença. Postula-se que insetos e roedores possam carrear o vírus de um local a outro. Acredita-se que a disseminação da doença se dá muito mais pela persistência do vírus no meio ambiente do que pelos portadores assintomáticos. A eliminação ativa do vírus nas fezes parece estar limitada nas primeiras duas semanas pós-inoculação (PI). Entretanto, existem evidências que alguns cães podem eliminar o vírus periodicamente por mais de um ano. Fatores predisponentes à moléstia grave são a idade, os fatores genéticos, estresse e infecções simultâneas com parasitas ou bactérias intestinais. Geralmente, filhotes com menos de seis meses de idade apresentam uma necessidade maior de hospitalização, quando comparado com animais mais idosos. A parvovirose em cães tem maior incidência durante os meses quentes do ano. As fezes contaminadas são a fonte primária de infecção da parvovirose canina. Após a exposição oral, o vírus se localiza e infecta os linfonodos regionais da faringe e tonsilas. A partir desse evento o vírus ganha a corrente circulatória e invade vários tecidos, incluindo o timo, o baço, os linfonodos, a medula óssea, os pulmões, o miocárdio e finalmente o jejuno distal e o íleo, onde ele continua a se replicar. A replicação causa a necrose das criptas do epitélio do intestino delgado, com eventual destruição das vilosidades. O vírus também pode causar lesões em outros órgãos que invade, contribuindo para múltiplos sintomas como linfopenia (medula óssea), miocardite (coração) e sinais respiratórios (faringe). O parvovírus tem sido isolado de conteúdo intestinal e fezes de cães afetados, com duas formas da doença a entérica e a miocárdica (RODOSTITS, 2000).

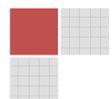
Até cerca de quatro semanas de idade, o crescimento do epitélio intestinal é muito lento, se comparado com o tecido do coração, mas à medida que o cão envelhece (acima de 5 semanas de idade) a infecção se estabelece no intestino, levando à enterite. Como mencionamos acima, alterações no músculo cardíaco em



infecções subclínicas podem predispor ao aparecimento de doenças cardíacas quando o animal tiver mais idade. A doença normalmente se apresenta como um episódio gastroentérico severo, altamente contagioso e às vezes hemorrágico em filhotes (com mais de 3 semanas de idade). Em muitos casos, os animais afetados podem se desidratar rapidamente e morrer 24 ou 48 horas após o aparecimento dos sintomas. Os sinais clínicos geralmente aparecem de 2 a 4 dias após a exposição inicial (infecção). No começo do curso da doença (de 1 a 3 dias após a infecção), ocorre uma profunda viremia antes do aparecimento da gastroenterite, e a temperatura do animal pode estar bem alta (NETO, 2004).

A leucopenia se transforma rapidamente em leucocitose devido a infecção secundária por bactérias, à medida que os sinais clínicos se tornam mais evidentes. Durante a fase clínica da doença (do 4º ao 10º dia após a infecção), grandes quantidades de vírus são eliminadas nas fezes. A fase de eliminação do vírus não é muito longa e dura de 10 a 14 dias. Animais com eliminação crônica não têm sido encontrados. A medida que a doença evolui, a temperatura geralmente volta ao normal, antes de se tornar subnormal, quando então o animal morre por choque. Durante a fase de recuperação, os sinais clínicos regridem rapidamente dentro de 5 a 10 dias depois de seu aparecimento. É possível que cães recuperados possam apresentar a forma miocárdica em uma idade mais avançada, devido às lesões iniciais causadas no músculo cardíaco. A doença se apresenta como uma miocardite em filhotes afetados (de 3 a 8 semanas) e raramente em cães adultos. Isso também pode ocorrer em cães que apresentaram uma doença subclínica. Em casos típicos, filhotes aparentemente saudáveis morrem subitamente ou minutos após um período de angústia. Os filhotes aparentemente sucumbem de edema pulmonar, atribuído a falha cardíaca. Os sinais clínicos são devidos a ataque do miocárdio pelo vírus e subsequente degeneração e inflamação do músculo cardíaco. (THADEI, 2004).

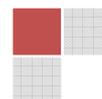
No cão, a doença se estabelece principalmente no aparelho digestivo, de início provocando elevação térmica que pode atingir altos índices (41 graus Celsius), exceto em animais adultos mais velhos nos quais ocorre hipotermia. Nessa fase chama a atenção o fato do animal se tornar sonolento e sem apetite, quando ocorrem também vômitos incoercíveis; Alguns animais apresentam também tosse nessa fase, além de



inchaço dos olhos ou inflamação da córnea (conjuntivite). Os sinais clínicos mais comuns da parvovirose é febre, leucopenia (diminuição dos glóbulos brancos do sangue) além de sintomas cardíacos nos filhotes anorexia, depressão, vômitos, pirexia, rápida desidratação, diarreia sanguinolenta, líquida e fétida e rápido emagrecimento. A morte de animais severamente afetados é uma consequência da destruição extensa do epitélio intestinal, com consequente desidratação, além da possibilidade de choque endotóxico. (LARA, 2004).

Além do estômago, inflama-se também os intestinos, principalmente as porções delgadas (duodeno, jejuno e íleo), e com eles também anexos do fígado, adquirindo então as fezes aspecto esbranquiçada ou cinzenta, o que denota deficiência de bile na luz intestinal, consequente à dificuldade de escoamento da mesma, que continua não obstante a ser elaborada no fígado, porém por se encontrarem inflamados tanto intestinos quanto a porção de desembocadura do canal escretor do fígado, fica a bile retida na visícula biliar, encontrada esta sempre repleta de bile. Apresentam-se os intestinos, com a evolução da doença, fortemente inflamados, principalmente sua camada mais interna, denomina mucosa, com manchas hemorrágicas (em forma de petéquias - pontos), em quase toda sua extensão. O diagnóstico laboratorial do parvovírus canino pode ser realizado pela detecção do vírus nas fezes, vômitos ou em tecidos "post-mortem". O teste mais viável para o clínico particular é o teste ELISA por ser rápido e eficiente de custo acessível, já estando comercialmente disponível no Brasil. Somente a detecção do vírus nas fezes a demonstração de anticorpos IgM no soro confirmam positivamente a infecção aguda. O diagnóstico clínico da parvovirose é sugestivo, mas deve sempre ser diferenciado de gastroenterites bacterianas como a salmonelose e de outras gastroenterites virais como a cinomose. (RODOSTITS, 2000).

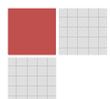
O tratamento recomendado para gastroenterite pelo parvovírus é de suporte. Os principais objetivos do tratamento são restabelecer e manter o equilíbrio eletrolítico e minimizar a perda de líquidos nas primeiras 24 a 48 horas ou até cessarem os vômitos, deve-se suspender completamente a alimentação e ingestão de líquidos por via oral. Recomenda-se a aplicação de fluidoterapia, antieméticos, antibióticos e, em alguns casos, também é necessária a transfusão sangüínea. Em alguns casos é recomendado vacinar filhotes com 45 dias de vida, quando estes não receberam o colostro e suas



mães não tenham sido vacinadas anteriormente. Durante o quadro clínico da doença, o animal infectado deve ser mantido isolado dos outros cães da casa, devendo-se evitar também a contaminação de jardins e lugares difíceis de serem desinfetados, os quais possam favorecer a persistência da partícula viral infectante. A vacina contra a Parvovirose deve ser aplicada preferentemente nas fêmeas quando em gestação, mesmo que tenham sido anteriormente imunizadas, pois recebendo uma nova dose da vacina, terão sua imunidade aumentada durante a gestação, e a oportunidade de através da placenta conferirem a seus futuros filhos uma razoável imunidade passiva. Posteriormente ao parto, já na fase de aleitamento de suas crias, tal imunidade conferida pela vacina aplicada na mãe será através do leite (principalmente do colostro), transmitida aos filhotes recém nascidos pelos anticorpos contidos nesse primeiro leite, prevenindo então os filhotes contra a doença, até que venham os mesmos atingir idade em que já possam também serem vacinados. Desinfecção doméstica ainda é problemática para o vírus causador dessa terrível virose, sendo o vírus da parvovirose altamente resistente, principalmente em ambientes que não recebem Sol diretamente. Acredita-se que o vírus possa sobreviver por mais de seis meses em condições normais de temperatura e umidade no meio ambiente e deve separar o animal em contato com outros cães afetados e suas fezes. (NETO, 2004).

3-CONCLUSÃO

Concluimos que a infecção simultânea de cinomose e parvovirose associada à degeneração e necrose do miocárdio em um cão. Clinicamente, o cão apresentou mioclonias, nistagmo, hipoplasia do esmalte dentário, pústulas abdominais e ulceração bilateral da córnea. Como encefalite desmielinizante, degeneração e necrose do miocárdio com mineralização, e necrose, hemorragia e fusão das vilosidades intestinais. As lesões neste cão são características com uma infecção pelos vírus da cinomose e da parvovirose.



4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODOSTITS, O M et al. Exame clínico e diagnóstico em veterinária. Editora Koogan. Rio de Janeiro – RJ. 2000.

NETO, José Brites. Parvovirose canina.

<http://www.saudeanimal.com.br/parvovirose_brites.htm> Em 05 de junho de 2004.

THADEI, Carmello Liberato. Parvovirose.<
<http://www.saudeanimal.com.br/artigo72.htm>> Em 05 de junho de 2004.

Revista Cães & Gatos – Número 86 – Ano 14 – Nov/Dez/2000 Gessulli Agribusiness Pça Sergipe, 156 – CEP 18540-000 – Porto Feliz-SP

LARA, Valéria. Parvovirose Canina<<http://www.bichoonline.com.br/artigos/gcao0011.htm> >Em 06 de junho de 2004.

